

## Os modelos de comportamento econômico antagônicos

**Autores:** André Ricardo de Souza (PUC-SP)

### Resumo

*O comportamento econômico é uma categoria que perpassa os campos de interesse e atuação de psicólogos, economistas e cientistas sociais. Do ponto de vista psicológico, diz respeito à conduta do indivíduo face aos demais e também a seus processos de tomada de decisão no interior das organizações. Numa perspectiva sociológica, o indivíduo é sujeito de ações interpretáveis que em conjunto formam arranjos sociais, abrangentes também à esfera econômica. Já o economista analisa esse comportamento enquanto resposta do indivíduo a problemas estritamente econômicos, basicamente de trabalho e consumo, ou seja, de produção e utilização da renda. Empreendedor é aquele que, além da diversidade possível de bens e serviços produzidos, pode assumir feições diferentes também conforme dois conjuntos de valores e atitudes, ou dois modelos de comportamento econômico, orgânica e ideologicamente opostos: o empreendedorismo liberal e a economia solidária. O modelo do empreendedorismo liberal tem um caráter individualista e corporativista. Já, a economia solidária é essencialmente associativo-coletivista. Enquanto o empreendedorismo liberal é tido como um “pressuposto natural” da sociedade moderna, a economia solidária se apresenta como um movimento que pretende recuperar a antiga utopia militante do socialismo. O presente trabalho constitui uma análise das nuances da oposição entre esses dois modelos.*

**Palavras-chave:** *Comportamento econômico, organização produtiva, empreendedorismo liberal, economia solidária, autogestão*

### 1. Introdução

O comportamento no âmbito da economia tem sido objeto da chamada psicologia econômica, já razoavelmente desenvolvida na Europa e na América do Norte, em início de desenvolvimento no Brasil (FERREIRA, 2007). Alvo de análise também da sociologia econômica, tem sido mais estudado até o momento por economistas e administradores de empresas (NICOLAI, 1973).

Para a análise desse tipo de comportamento, vejamos antes a conceituação de Amartya Sen (1999) quanto às duas origens e abordagens distintas da economia: a ética e a “engenheira”. A primeira diz respeito às práticas voltadas à busca do bem-estar comum, enquanto a segunda se refere a questões logísticas, desligadas de fins supremos. Ele afirma que a abordagem ética diminuiu substancialmente com o desenvolvimento da economia moderna. Segundo a teoria econômica clássica e a neoclássica, o indivíduo se comporta racionalmente, movido essencialmente pelo auto-interesse. Ele supostamente tem capacidade ilimitada de cálculo, pois dispõe de informação perfeita acerca de suas possibilidades de escolha. Haveria portanto uma racionalidade plena nos processos de decisão individual, de modo que o consumidor maximize sua utilidade e o empresário faça o mesmo em relação a seu lucro, pois teria um conhecimento completo do seu ambiente. Consideremos que o trabalhador, empregado ou autônomo, também visa maximizar seu ganho, seja ele salário, pró-labore, gratificação ou mesmo lucro individual.

Tomemos, no entanto, uma perspectiva teórica diferente, interdisciplinar, segunda a qual não

é o auto-interesse, mas sim uma pluralidade de motivações que rege o comportamento econômico. Nessa ótica, a ética tem sim um lugar de destaque.

Há algumas teorias alternativas ao modelo da escolha racional, focada no interesse individual. Uma referência é o trabalho de Herbert Simon, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1978, “por sua pesquisa pioneira sobre o processo de tomada de decisão” (Royal Academy, 1979: 72). Sua obra acerca do processo decisório e o comportamento das pessoas nas organizações econômicas lida com o conceito de racionalidade limitada. O autor afirma que o cerne do comportamento econômico não é a maximização de ganhos, mas a satisfação de objetivos estabelecidos, em função de valores cultivados. O comportamento deriva de uma escolha individual, dentre outras possíveis, num processo de adaptação da pessoa ao ambiente onde ela faz suas escolhas. Tal ambiente, tanto quanto o processo decisório, não são efetivamente simples, como pressupõem os economistas liberais.

O ambiente organizacional exerce um papel fundamental nos processos de decisão e orientação do comportamento econômico individual e coletivo, daí a ênfase numa “tecnologia da administração” (SIMON, 1947; MONTEIRO, 1979; DRUCKER, 1986: 24; BARROS, 2004). Por outro lado, o indivíduo também exerce influência sobre seu grupo e este, por sua vez, sobre o ambiente organizacional em que se insere, de modo a haver adaptações mútuas, ou numa leitura marxiana, dialéticas.

Passemos ao principal fator do comportamento econômico, a produção, afinal ela se sobrepõe à utilização da renda - consumo, poupança e crédito - uma vez que, em grande medida, a determina. Embora a economia mundial tenha se tornando em grande parte financeira, na medida em que muitos capitalistas fazem grandes somas de investimento financeiro, em detrimento das atividades produtivas. O produtor é o empreendedor, aquele que, além da natureza diversa dos bens produzidos, conforme o ramo de atividade - extrativista, agrícola, artesanal, industrial, comercial ou de serviços, com as respectivas subdivisões - pode também assumir as feições de dois conjuntos de valores e atitudes, ou dois verdadeiros modelos de comportamento econômico, distintos e opostos: o empreendedorismo liberal e a economia solidária.

## **2. Empreendedorismo liberal**

Esse modelo de comportamento é marcado pela expressão, já amplamente difundida: “espírito empreendedor” (DRUCKER, 1986; CHIAVENATO, 2004). Tem essencialmente um caráter individualista e corporativista, ou seja, o empreendedor liberal é aquele que age exclusivamente em prol do seu próprio negócio ou da sua corporação, na condição de empresário ou executivo. Seu ofício constitui a essência do capitalismo liberal. Tem como referências teóricas não só os economistas clássicos e neoclássicos, mas também Max Weber - sobretudo por sua basilar obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1967) - e também Joseph Shumpeter, por toda a propriedade com que tratou o tema do empreendedorismo, sobremaneira em *Teoria do desenvolvimento econômico*, de 1961.

O protagonista desse modelo de comportamento econômico é de fato o empresário, cujo poder envolve:

1) com base na detenção e no acionamento privados dos fatores de produção, que não força de força de trabalho, 2) adquirir, no mercado, esta força de trabalho de agentes livres para vendê-la, 3) a fim de operar numa empresa a transformação de “inputs” em mercadorias de valor aumentado, 4) cuja venda dará oportunidade para a realização de um negócio lucrativo, 5) que lhe permitirá assegurar, graças ao investimento, a manutenção e crescimento do capital (NICOLAI, 1973: 205-206).

O termo empreendedor advém do francês *entrepreneur*. Basicamente, significa aquele que

assume riscos e inicia algo novo. O ato de empreender depende muito da intuição, da capacidade de apostar em procedimentos, procurando antever resultados. Isso implica em disposição para inovar, priorizando com disciplina o que é efetivamente essencial no trabalho e sujeitando-se muitas vezes a sacrifícios pessoais (SHUMPETER, 1961; DRUCKER, 1986; DOLABELA, 2001; CHIAVENATO, 2004).

Tratando da realidade brasileira, as referências teóricas primordiais a respeito do empreendedorismo são os livros *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*, de Fernando Henrique Cardoso (1964), e *Empresários e administradores no Brasil*, de Luiz Carlos Bresser Pereira (1974). Esses autores, como bem mostrou Marcovitch (2003 e 2005), analisam a contribuição dos pioneiros e maiores empresários para o desenvolvimento econômico deste país. Escreveram no contexto de pleno vigor do nacional-desenvolvimentismo, marcado pela forte intervenção do Estado na economia e que tivera início no governo de Getúlio Vargas, em 1930. Esse padrão desenvolvimentista começaria a declinar no início da década de 1990, durante o governo de Fernando Collor de Mello. A inflexão liberal se consolidaria na gestão de Fernando de Henrique Cardoso, quando passou a haver tratamento igual do Estado às empresas de capital nacional e estrangeiro, regulando a concessão de serviços públicos para a iniciativa privada, intensificando a privatização de empresas e preservando a abertura comercial.

Recorrentemente apontado como alternativa ao desemprego, sobretudo pelo Banco Mundial, o empreendedorismo tem bastante respaldo na opinião pública brasileira. Há uma profusão de pequenos e médios empreendimentos que são responsáveis pelo emprego da grande maioria da mão-de-obra nacional, embora o faça oferecendo baixa remuneração e condições precárias de trabalho. Esses pequenos negócios compõem a maior parte da chamada economia informal e - diante da acirrada concorrência entre si e com empresas maiores - estão sujeitos a alta taxa de mortalidade.

### **3. Economia solidária**

Esse modelo de comportamento econômico é essencialmente associativo-coletivista e tem como princípio básico a autogestão. Socialmente residual, ele é ideologicamente contrário ao anterior e conhecido pelo termo economia solidária. Tem como referência teórica os autores do chamado socialismo utópico e também cientistas sociais e economistas contemporâneos (SINGER, 2002; SINGER & SOUZA, 2003; CATTANI, 2003; SOUZA *et alii*, 2003; GAIGER, 2004; LAVILLE & FRANÇA, 2004; MELLO, 2005).

O resgate do cooperativismo original, de feições igualitárias e democráticas, é o eixo da economia solidária. Para tanto ela se contrapõe às experiências cooperativistas derivantes dos processos de terceirização de mão-de-obra e também de grandes corporações com poucos sócios-cooperados e muitos trabalhadores assalariados. Em vez do lucro, apropriado individualmente ou em grupo restrito, os empreendimentos solidários geram sobras, coletivamente distribuídas entre todos os sócio-trabalhadores, evidentemente depois do re-investimento no próprio negócio.

Além das pequenas e pré-cooperativas, esse inovador setor da economia é composto por médias e até relativamente grandes empresas com inspiração autogestionária e também de grupos comunitários de poupança e crédito mútuo, entre os quais se destacam os chamados clubes de troca. Em 2006, o *Atlas da Economia Solidária no Brasil*, elaborado pelo governo federal, em parceria com entidades civis, revelou a existência de 15 mil empreendimentos econômicos solidários no país. A economia solidária se constituiu como um movimento social (SOUZA, 2003) e está presente em alguns países, inclusive fazendo parte de políticas de Estado, com destaque para o Brasil, onde há uma secretaria nacional vinculada ao Ministério do Trabalho, cuja criação se deve em grande parte à organização do movimento no Fórum

Brasileiro de Economia Solidária.

Para efeito de uma apresentação esquemática dos dois modelos aqui expostos, tomemos um quadro comparativo, elaborado pela Cáritas Brasileira, uma importante entidade de apoio aos empreendimentos solidários brasileiros, que adota os termos “Projeto Alternativo Comunitário – PACs” e “economia popular solidária – EPS” (BERTUCCI & SILVA, 2003: 70):

| <b>Aspectos</b>                   | <b>Economia Capitalista (empreendedorismo liberal)</b> | <b>PACs (empreendimentos solidários)</b> | <b>EPS (economia solidária)</b>                  |
|-----------------------------------|--|--|--|
| <b>Lógica</b>                     | Acumulação / Lucro                                     | Auto-sustentação comunitária             | Ampliação da qualidade de vida                   |
| <b>Relações internas</b>          | Patrão X Empregado                                     | Distribuição comunitária das tarefas     | Autogestão cooperativa                           |
| <b>Protagonismo</b>               | Representações empresariais                            | Representações comunitárias              | Organização do movimento da EPS                  |
| <b>Educação</b>                   | Para a competitividade /individualista                 | Para a solidariedade comunitária         | Para a solidariedade em rede                     |
| <b>Projeto de Desenvolvimento</b> | Monopolista predatório do meio-ambiente e das pessoas  | Promoção humana local                    | Desenvolvimento sustentável                      |
| <b>Políticas</b>                  | Excludentes e Compensatórias                           | Relações comunitárias                    | Fortalecimento de redes e de suas representações |
| <b>Cadeia produtiva</b>           | Rede de competição e exploração monopolística          | Subsistência sem articulação             | Rede de complementaridade solidária              |

Legenda: PACS – Projetos Alternativos Comunitários; EPS – Economia Popular Solidária

#### 4. Considerações finais

Os artigos submetidos em português ou espanhol (resumo e texto em mesmo idioma) serão considerados como propostos para o V ENEDS e seguirão, portanto, o seu processo de avaliação.

Os modelos de comportamento do empreendedorismo liberal e da economia solidária convivem na mesma sociedade, sendo o primeiro muito prevalente ao segundo. Há todo um esforço da parte dos militantes do movimento da economia solidária em diferenciá-la da economia empreendedora liberal, ressaltando todas as suas virtudes, que têm na ética o seu cerne. Enquanto o empreendedor liberal é o pretense empresário, naturalmente predisposto a tirar proveito do trabalho alheio, o empreendedor solidário é o próprio trabalhador à frente da gestão do próprio negócio, em relação de cooperação, não de exploração, com os demais trabalhadores, mesmo que em alguns empreendimentos solidários haja um resíduo de trabalhadores assalariados, que em geral, não quiseram ou não puderam se associar ainda. Mas não é uma tarefa fácil do movimento de economia solidária, uma vez que a ideologia liberal tende a “naturalizar” a forma de organização da empresa capitalista. Os empreendimentos solidários precisam se esforçar muito para se viabilizarem economicamente, sem se degenerarem no que se refere às relações igualitárias e democráticas.

Dado o grande desafio de viabilização dos empreendimentos solidários, seus adeptos se

empenham bastante na organização do movimento. Há todo um esforço para a formação de redes e cadeias produtivas, de modo a não competirem entre si, mas sim com os empreendimentos capitalistas. Para a divulgação da proposta da economia solidária e a comercialização de seus produtos, o movimento costuma realizar feiras e eventos afins, que são também oportunidade para manifestações artísticas e políticas.

Os militantes da economia solidária acreditam na possibilidade de convencimento das pessoas - sobretudo os desempregados e aqueles em condições mais precárias de trabalho - a também aderirem a essa forma tida como libertária de organização econômica e social. Os empreendimentos solidários são apontados como espaço de aprendizado mútuo, em que os trabalhadores envolvidos gradativamente adquirem emancipação da cultura paternalista e fortemente hierarquizada, ensinada ainda na maioria das escolas e reproduzida nas empresas capitalistas.

Também apontada como alternativa ao desemprego, a economia solidária vai além e se apresenta como uma forma nova de organização social. Constituiu-se enquanto um movimento político, que se pretende recuperador da antiga utopia militante do socialismo (SINGER, 1998). Talvez seja por essa perspectiva civilizatória e de longo alcance que ela esteja fazendo com que um número crescente de trabalhadores deixem de lado o modelo liberal.

## Referências

- THIOLLENT, M.**, 1996. *Metodologia de Pesquisa Ação*. 7a ed. (1985 – 1ª ed.) São Paulo: Cortez Editora.
- SANTOS, M.**, 2000. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- MORIN, E.**, 2002. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BARROS, G.**, 2004. *Racionalidade e organizações: um estudo sobre comportamento econômico na obra de Herbert A Simon*. Dissertação de mestrado em economia. São Paulo: USP.
- BERTUCCI, A. A. & SILVA, R. M. A.**, 2003. *20 anos de economia popular solidária: trajetória da Cáritas Brasileira dos PACs à EPS*. Brasília: Cáritas Brasileira.
- CARDOSO, F. H.**, 1964. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- CATTANI, Antonio David (Org.)**, 2003. *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz Editores.
- CHIAVENATO, I.**, 2004. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor*. São Paulo: Saraiva.
- DOLABELA, F.**, 2001. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus.
- DRUCKER, P. F.**, 1986. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios*. São Paulo: Pioneira.
- FERREIRA, V. R. de M.**, 2007. *Psicologia econômica: origens, modelos, propostas*. Tese de doutorado em psicologia social. São Paulo: PUC-SP.
- GAIGER, L. I. (Org.)**, 2004. *Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- LAVILLE, J. L. & FRANÇA, G.**, 2004. *Economia solidária: uma abordagem internacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- MARCOVITCH, Jacques.**, 2003. *Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*. Vol. I. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*. Vol II. São Paulo: Edusp.
- MONTEIRO, J. V.**, 1979. Comportamento, formulação de decisões e organização: a contribuição de Herbert Simon à Economia. *Pesquisa e Planejamento Econômico*. Brasília: IPEA, vol. 9, nº 1, p. 261-264.
- MELLO, S. L. (Org.)**, 2005. *Economia solidária e autogestão: encontros internacionais*. São Paulo: NESOL-USP; ITCP-USP; PW.
- NICOLAI, A.**, 1973. *Comportamento econômico e estruturas sociais*. São Paulo: Nacional.
- PEREIRA, L. C. B.**, 1974. *Empresários e administradores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- ROYAL ACADEMY.**, 1979. The Nobel memorial prize in economics 1979. *The Scandinavian Journal of Economics*, Vol. 1, nº 81, pp. 72-73.
- SEN, Amartya.**, 1999. *Sobre ética e economia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SENAES.**, 2006. *Atlas da economia solidária no Brasil*. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.
- SIMON, H. A.** *Administrative behavior: a study of decision-making processes in administrative organization*. New York: The Macmillan Company.
- SINGER, P.**, 1998. *Uma utopia militante: repensando o socialismo*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- \_\_\_\_\_. & **SOUZA, A. R. (Orgs.)**, 2003. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. 2ª ed. (2000 – 1ªed.) São Paulo: Contexto.
- SHUMPETER, J. A.**, 1961. *Teoria do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- SOUZA, A. R.; CUNHA, G. C. & DAKUZAKU, R. Y. (Orgs.)**, 2003. *Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária*. São Paulo: Contexto.
- SOUZA, A. R.**, 2003. Economia solidária: um movimento nascente da crise do trabalho. In: SOUZA, A. R.;

CUNHA, G. C. & DAKUZAKU, R. Y. (Orgs.). 2003. *Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária*. São Paulo: Contexto.

**WEBER, M.** 1967. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.